

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CAMPUS SÃO BERNARDO
CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS

JESSYCA REGINA CAVALCANTE SOUSA

**A RELAÇÃO ESCOLA E FAMÍLIA: ESPAÇOS DISTINTOS E NECESSIDADES
COMUNS**

São Bernardo – MA

2017

JESSYCA REGINA CAVALCANTE SOUSA

A RELAÇÃO ESCOLA E FAMÍLIA: espaços distintos, necessidades comuns

Monografia apresentada Na Universidade Federal do Maranhão – UFMA, campus São Bernardo, como requisito para obtenção do título de licenciada em Linguagens e Códigos – Língua Portuguesa

Orientador: Me. Bergson Pereira Utta

São Bernardo - MA
2017

JESSYCA REGINA CAVALCANTE SOUSA

A RELAÇÃO ESCOLA E FAMÍLIA: espaços distintos, necessidades comuns

Monografia apresentada Na Universidade Federal do Maranhão – UFMA, campus São Bernardo, como requisito para obtenção do título de licenciada em Linguagens e Códigos – Língua Portuguesa

Orientador: Me. Bergson Pereira Utta

Aprovado em: 15/08/2017

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Bergson Pereira Utta (Orientador)
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Prof. Ms. Maria Francisca da Silva (1º examinador)
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Prof. Maria Tereza Gonçalves Rocha (2º examinador)
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a DEUS, por propiciar todas as minhas vitórias e glórias, autor da minha vida, meu refúgio nas horas de angustias, meu pai celestial.

Aos meus pais José Roberto e Maria da Conceição que me ensinaram o quão importante é a 'família'.

Aos meus irmãos Juan Thalles e Thamyres Araújo por estarem ao meu lado em todos os momentos me apoiando.

Ao meu amigo e pai da minha filha Jameson Alves pelo incentivo, atenção, dedicação, disponibilidade na minha caminhada.

E a minha filha Maria Lavínia por ser o meu maior incentivo na busca de conhecimento, para poder lhe dar um futuro digno (Minha maior razão).

Aos meus amigos que a UFMA me deu Anna Marcia, Angeirly, Aparecida, Jardeilson, Josélia, Jesiel, Maria Costa, Helba e Karliane Cruz pela paciência e compreensão.

Ao meu Orientador Mestre Bergson Pereira Utta por me ajudar na minha trajetória.

A cada dia que vivo mais me convenço de que o desperdício da vida está no amor que não damos, nas forças que não usamos, na prudência egoísta que nada arrisca, e que, esquivando-se do sofrimento, perdemos também a felicidade. A dor é inevitável. O sofrimento é opcional.

Carlos Drummond Andrade

RESUMO

Este trabalho visa refletir sobre a parceria entre família e escola e sua importância no desenvolvimento da criança. Esta parceria pode ser muito importante e favorável para que ambas possam compreender qual função lhes é atribuída, não responsabilizando somente a escola pelos resultados de seus filhos e delegando unicamente a ela, a tarefa de educar seus filhos e, por outro lado, a escola não se ver como corresponsável no processo formativo do aluno. Esta é uma pesquisa de campo apoiada em pesquisas bibliográficas de artigos, revistas e textos relacionados ao tema assim como a análise qualitativa dos questionários aplicados. A pesquisa de campo se deu na Unidade Escolar Antônio Monteiro, situada na rua Coronel Francisco Moreira, centro de Santa Quitéria do Maranhão com professores e pais de alunos do ensino fundamental II e tem como objetivos refletir sobre o papel da escola e da família na formação dos alunos, bem como discutir a importância da afetividade para o seu desenvolvimento cognitivo, e; analisar a luz da realidade, como vem acontecendo esta parceria entre família e escola e suas consequências. O texto se organiza em quatro capítulos mais as considerações finais. E, nas considerações finais constam as conclusões construídas durante o processo de sua realização.

Palavras-chave: Aprendizagem. Família. Escola.

ABSTRACT

This work aims to reflect on the partnership between family and school and its importance in child development. This partnership can be very important and favorable so that both can understand what function they are assigned, not only blaming the school for the results of their children and delegating solely to it, the task of educating their children and, on the other hand, the school does not To be seen as co-responsible in the student's formative process. This is a field research based on bibliographic research of articles, journals and texts related to the subject as well as the qualitative analysis of the questionnaires applied. Field research was carried out at the Antônio Monteiro School Unit, located at Coronel Francisco Moreira street, in the center of Santa Quitéria do Maranhão, with teachers and parents of elementary school students II and aims to reflect on the role of school and family in the formation Of students, as well as discuss the importance of affectivity for their cognitive development, and; Analyze the light of reality, how has this partnership between family and school and its consequences. The text is organized into four chapters plus the final considerations. And, the final considerations include the conclusions built during the process of its realization.

Keywords: Learning. Partnership. Family. School.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 ESCOLA x FAMÍLIA: co-participação na formação dos alunos	12
2.1 A escola na contemporaneidade	16
3 O PAPEL DAS FAMÍLIAS PARA A EDUCAÇÃO DOS FILHOS	20
3.1 As dificuldades da família no processo educativo dos filhos.....	21
3.2 A afetividade no desenvolvimento cognitivo da criança em casa e na escola.	28
3.2.1 A afetividade segundo Piaget e Vygotsky	30
4 RECURSOS METODOLÓGICOS	38
4.1 Universo da pesquisa	38
4.2 Características da pesquisa	38
5 RESULTADOS E DISCURSÕES.....	40
5.1 O olhar dos professores	40
5.2 O olhar dos pais	44
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS.....	50

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva refletir sobre a parceria entre família e escola e sua importância na formação dos alunos. A partir da compreensão deste processo, podemos reforçar o valor que esta parceria pode ter, em especial no desenvolvimento dos alunos no processo de ensino aprendizagem.

Quando os pais participam da educação de seus filhos eles aprendem mais e melhor, pois com o apoio da família, se tornam mais motivados e seguros e com o estabelecimento dos vínculos de parceria entre os educadores e os pais o aprendizado se torna mais significativo e eficiente.

A problemática que surge neste objeto de estudo é: A participação da família na escola pode favorecer o desenvolvimento das crianças no processo de ensino e aprendizagem?

A parceria entre família e escola faz-se necessária para que ambas possam compreender qual função lhes é atribuída para que os pais não responsabilizem somente à escola a tarefa de educar seus filhos e por outro lado a escola não possa deixar de ser uma corresponsável no processo formativo do aluno.

Esta pesquisa foi realizada na Unidade Escolar Antônio Monteiro, situada na rua Coronel Francisco Moreira, S/nº, Centro de Santa Quitéria do Maranhão com professores e pais de alunos do ensino fundamental II e tem como objetivos: refletir sobre o papel da escola e da família na formação dos alunos, bem como discutir a importância da afetividade para o seu desenvolvimento cognitivo, e; analisar a luz da realidade, como vem acontecendo esta parceria entre família e escola e suas consequências.

Não é difícil notar as grandes transformações que afetaram a escola e a família ao longo dos anos. Muitas mudanças sociais, culturais, políticas e econômicas que ocorreram em função da globalização acabaram por interferir na estrutura e funções tanto da escola quanto da família.

Este texto se organiza em quatro capítulos mais as considerações finais. No primeiro capítulo aborda a importância da parceria entre família e escola para o bom desenvolvimento dos alunos e mostra como é a escola na contemporaneidade.

No segundo, relata o papel das famílias para a educação dos filhos, as dificuldades que a família sente no processo educativo dos filhos, aborda a importância da afetividade para o desenvolvimento da criança em casa e na escola e, fala também da afetividade segundo Piaget e Vygotsky. No terceiro capítulo encontram-se os recursos metodológicos, o universo da pesquisa e suas características. No quarto capítulo temos os resultados e discussões que mostram a análise das respostas dos professores e pais que colaboraram com esta pesquisa. E, nas considerações finais constam as conclusões construídas durante o processo de sua realização.

2 ESCOLA X FAMÍLIA: co-participação na formação dos alunos

Nos últimos anos no Brasil, muitas pesquisas e debates tem mostrado que os estudos sobre a relação família e escola tem feito parte de discussões mais enfáticas e frequentes.

Nesta mesma linha, acreditamos ser importante suscitar mais reflexões sobre a participação dos pais na vida escolar e no processo educativo de seus filhos, trazendo novas discussões que possam fortalecer a relação de parceria entre família e escola, diminuindo assim a distância entre estas duas instituições indispensáveis na vida de um indivíduo.

O trabalho conjunto entre família e escola é necessário para que ambas possam compreender qual função lhes é atribuída. Ou seja, para que os pais não responsabilizem somente à escola a tarefa de educar seus filhos e por outro lado a escola não possa deixar de ser uma corresponsável no processo formativo do aluno.

Estas duas instituições têm passado por profundas transformações que vão desde mudanças sociais e culturais até às políticas e econômicas que ocorreram em função da globalização e acabaram por interferir em sua estrutura e funções. Devido a tais circunstâncias, a família, cada vez mais, vem transferindo para a escola a tarefa de educar seus filhos.

No interior de nossa própria cultura, sem sair de nossa própria cidade nem de nosso próprio bairro, um belo dia observamos nosso ambiente e nos damos conta de que tudo mudou tanto que mal somos capazes de saber como as coisas funcionam. Sentimo-nos, então desorientados, tão desorientados como se tivéssemos viajado para uma sociedade estranha e distante, mas sem esperança de voltar a recuperar aquele ambiente conhecido no qual sabia nos arranjar sem problemas (ESTEVE, 2004, p. 24).

No que se refere às mudanças ocorridas na estrutura familiar, podemos destacar a emancipação da mulher que contribuiu para o alargamento das responsabilidades da escola que, a partir de então, teve que dar conta das novas demandas da família e da sociedade.

Atualmente, muitas mulheres, não têm tempo suficiente para atender as necessidades de seus filhos. É comum muitas mães trabalharem fora para o

sustento da família e não conseguem nem mesmo ajudar os filhos com os deveres de casa. Fatores como estes fazem com que elas transfiram suas responsabilidades de mãe para a escola e, mudanças como estas, refletem, principalmente na educação de crianças e adolescentes.

Acreditamos que é função da escola fazer um trabalho com os pais propiciando discussões que visando aproximar estas duas instituições, contribuindo desta forma, para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, seja em casa ou na escola.

A família precisa acompanhar o desenvolvimento escolar da criança e a escola deve acompanhar os valores que são vividos na família.

Nas últimas décadas, tornaram-se mais visíveis as mudanças ocorridas no plano socioeconômico e político com relação ao processo de globalização. Estas mudanças tem refletido diretamente na estrutura familiar e educacional causando alterações em seu padrão tradicional de organização. Na contemporaneidade os discursos políticos apontam a família e a educação como guias das grandes transformações sociais que podem contribuir de forma positiva ou não para o bom desempenho da criança.

Cada vez mais têm surgido discursos que apontam a “falência” da instituição família decorrente das inúmeras transformações resultantes da globalização. A família tem sido bombardeada com adjetivos carregados de antivalores. Atualmente tem se destacado um núcleo familiar que não reflete a importância do respeito mútuo, da solidariedade e muito menos dos valores que regem a sociedade como um todo. Talvez seja precoce apontar essas mudanças como negativas. Paulo Freire (2000, p. 30) diz que:

A mudança é uma constatação natural da cultura e da história, o que ocorre é que há etapas, nas culturas, em que as mudanças se dão de maneira acelerada, é o que se verifica hoje. As revoluções tecnológicas encurtam o tempo entre uma e outra mudança.

Daí a certeza de que a família é, indiscutivelmente, um dos lugares mais propícios para a garantia da sobrevivência e da proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como vêm se estruturando. É a família que propicia o amparo afetivo e, sobretudo material necessário ao desenvolvimento e bem estar dos seus componentes.

O seio familiar desempenha um papel que pode ser decisivo na educação formal e informal da criança, pois é em seu espaço que, primeiramente são absorvidos os valores éticos, morais e humanitários, em que se aprofundam os laços de solidariedade. É também no interior da família que se constroem as marcas entre as gerações e são observados valores culturais.

Como diz Gokhale (1980) a família não é somente o berço da cultura e a base da sociedade futura, mas é também o centro da vida social. A educação bem sucedida da criança na família é que vai servir de apoio à sua criatividade e ao seu comportamento produtivo quando for adulto. A família tem sido, e sempre será a maior influência para o desenvolvimento da personalidade e do caráter das pessoas e é com ela que a criança aprende a dar os primeiros passos para viver em sociedade. A instituição família é o alicerce que vai servir de suporte para enfrentar qualquer tipo de obstáculo.

Não é difícil encontrarmos pessoas que são excelentes gestores de grandes empresas e tem grandes dificuldades para administrar a sua própria casa. Relacionam-se divinamente bem com seus funcionários e têm sérios problemas de relacionamento com a família. Ficam horas e horas em reuniões de trabalho e não tem tempo para conversar com os filhos, quanto mais de irem a uma reunião na escola. Casos como estes podem abalar seriamente a estrutura familiar.

Em um espaço de tempo cada vez menor o ser humano se distancia cada vez mais de elementos fundamentais para uma boa vivência com a família. O afeto e o respeito são metodologias indispensáveis para a administração daquela que deveria ser a mais importante instituição da vida humana. E para administrá-la é necessário um equilíbrio entre o coração e a razão. Os membros que a formam, mesmo sendo “parte” uns dos outros, são seres muito diferentes e repletos de singularidades que por vezes não se entendem, não se conhecem e não sabem lidar com tais conflitos.

Muitos pais não tem tempo para si e muito menos para os filhos, daí é mais fácil atender aos caprichos deles do que educá-los. O processo educativo requer tempo e dedicação por isso é mais prático para muitos pais transferir esta responsabilidade para a escola, imaginando assim, garantir o sucesso pleno dos filhos. Mas, é inquestionável a necessidade da participação da família na vida escolar dos filhos. Somente a colaboração mútua entre família e escola é capaz de

promover uma educação integral para o cidadão em cumprimento com as exigências legais da sociedade uma vez que as crianças que percebem que seus responsáveis estão acompanhando de perto a sua trajetória escolar, que estão verificando o seu desenvolvimento com questionamentos sobre o seu dia a dia na escola, a realização das tarefas, dentre outros, tendem a se sentirem mais seguras e, conseqüentemente, apresentam um melhor desempenho intelectual.

Não é difícil notar que:

[...] a família também é responsável pela aprendizagem da criança, já que os pais são os primeiros ensinantes e as atitudes destes frente às emergências de autoria, se repetidas constantemente, irão determinar a modalidade de aprendizagem dos filhos (FERNANDES, 2001, p. 42).

Já à escola cabe o papel da continuidade deste processo. Daí a grande necessidade da participação ativa da família na vida escolar dos filhos. E, esta participação não deve se resumir apenas em reuniões de pais e mestres e/ou em visitas mensais na escola. Mas, em um acompanhamento frequente na realização das atividades escolares dos filhos e no envolvimento dedicado e responsável em todo o processo educativo, uma vez que a formação do indivíduo, como consta na Constituição Federal (Brasil, 1988) é dever do Estado e da família.

Vale lembrar que estas duas instituições, além das preocupações voltadas para a formação intelectual devem preocupar-se, também, com a área afetiva do indivíduo com atenção e amor, incentivando a criança a tornar-se mais segura e aberta para o envolvimento nas suas relações sociais.

Sendo a família o primeiro grupo social que participa da vida de uma criança, não deve abandonar a sua função quando esta for apresentada a outros grupos sociais. À escola, por exemplo. Uma ruptura brusca e instantânea poderá acarretar prejuízos irreparáveis na formação do indivíduo.

A relação harmoniosa e comprometida da família com a escola enriquece e facilita o desempenho educacional da criança. Através desta relação os desafios para garantir uma educação plena tornam-se mais amenos. É necessário que estas duas instituições sejam membros da mesma equipe e assumam os mesmos princípios e critérios, assim como a mesma direção quanto aos objetivos referentes à formação de seus filhos e alunos. É necessário que pais e educadores assumam um

compromisso de fidelidade e companheirismo na nobre caminhada da formação educacional daqueles que lhes são confiados.

Manter a parceria entre a família e a escola não é fácil. Por isso é importante lembrar qual indispensável é a participação da família no âmbito escolar, já que fazer assim pode representar uma maior valorização da criança, fazendo com que ela se sinta assistida e protegida, além de fazer com que veja em seus pais um porto seguro necessário para o enfrentamento e superação dos novos desafios a serem enfrentados.

Portanto, aos pais, dentre tantas outras responsabilidades, cabe a de acompanhar o processo vivido pelos filhos, dialogar e conhecer a escola, participar de forma consciente e ativa do seu processo formativo, caso contrário, sua participação não somará para o desenvolvimento do aluno uma vez que uma postura contrária da família com a escola poderá inibir o desempenho deste.

2.1 A escola na contemporaneidade

É notório e significativo as transformações no âmbito educacional do país. Em um passado não muito distante o acesso e a permanência da população brasileira ao ensino público era privilégio de poucos. Somente as camadas mais abastadas podiam gozar desse direito. E vale lembrar que, o Brasil foi moldado numa estrutura patriarcal e machista o que levou por séculos ao favorecimento dos homens, excluindo muitas vezes, as mulheres do universo escolar. Estas, por sua vez, quando recebiam instruções eram limitadas apenas aos ensinamentos domésticos, música e desenhos. Por muito tempo, a educação no Brasil, definitivamente, não era um direito de todos.

Ao longo da formação histórica do Brasil a história da educação do nosso país vem passando por transformações importantes no contexto sociopolítico e econômico. A Constituição Federal de 1988 deixa claro o direito de todo cidadão à educação. Os desafios, a partir de então, são outros. Oferecer uma educação pública de qualidade a todos. Uma educação que de fato prepare para a vida. Tornar o ambiente escolar um meio favorável ao aprendizado. Fazer com que a escola não seja apenas um ponto de encontro superficial, como muitos têm visto ultimamente.

Mas, torná-la um local propício para o encontro com o saber, com o conhecimento e com a pesquisa prazerosa que proporciona a formulação de novos conceitos.

A escola é para a sociedade uma extensão da família, pois é através dela que se consegue desenvolver indivíduos críticos e conscientes de seus direitos e deveres. E podemos citar ainda como um grande desafio diário da instituição escolar na contemporaneidade, a busca por métodos que favoreçam um ambiente conveniente a todos. Apta a desenvolver as potencialidades cognitivas, físicas e afetivas de sua clientela desenvolvendo a capacidade de tornarem-se sujeitos participativos no meio social que estão inseridos.

Symanski (2001, p. 90) destaca que o papel da escola supera a simples condição de mera transmissora de conhecimento. Diz que está “[...] tem um papel preponderante na contribuição do sujeito, tanto do ponto de vista de seu desenvolvimento pessoal e emocional, quanto da constituição da identidade, além de sua inscrição futura na sociedade.

É, sem dúvida, uma instituição de grande valia para a formação do indivíduo, mas que não pode sozinha abraçar todo o processo. É neste ponto que reforçamos quão necessária e importante deve ser a parceria entre família e escola, uma vez que dessa relação podem nascer perspectivas para a melhoria do ensino e aprendizagem dos alunos.

É importante colocar em discussão também que, a escola, ao assumir a sua condição de instituição social formadora deve assumir uma função educativa junto aos pais, partindo de uma discussão que prime por informar, orientar e conduzir os mais diversos assuntos para que haja a promoção de uma educação integral para o cidadão em cumprimento com as exigências da sociedade que o espera. Diferentemente disso, com o equilíbrio perdido, a escola fica na defensiva, especialmente nas reuniões com os pais, e estes acabam por enumerar os erros pedagógicos da instituição e o aluno torna-se vítima do desequilíbrio de ambas. Escola e família, não muito raramente, esquecem que é necessário compartilhar e contribuir para que filhos/alunos vivam melhor.

É necessário que a escola repense sua prática pedagógica para melhor atender a singularidade de sua clientela, partindo da indispensável parceria com a família. É importante fortalecer o enlace entre ambas em nome da promoção e do bem estar do aluno. Para maior fluência de seus objetivos, a escola necessita da participação consciente, responsável e comprometida dos pais.

Educar uma criança para que ela aprenda a conviver em sociedade, para que tenha uma vida plena e realizada, para que seja um bom profissional no futuro e contribua positivamente com o meio social ao qual pertença, não é tarefa fácil. É tarefa árdua que requer parcerias, grandes contribuições e agentes comprometidos com a causa.

Inúmeros fatores podem interferir no desenvolvimento escolar da criança. Os problemas socioeconômicos e familiares têm maiores reflexos no que condiz ao não desempenho intelectual do aluno, mas a relação de proximidade da família com os objetivos da escola pode diminuir esses efeitos fazendo com que a criança se torne mais participativa e melhore seu rendimento escolar.

Ao longo dos anos, gradativamente, a família, por força de circunstâncias diversas, tem transferido para a escola a tarefa de cuidar, formar e educar seus filhos. Como exemplo, citamos outrora a necessidade dos pais saírem para trabalhar. Estes, como tentativa de alívio da consciência, confiam que a escola, a televisão, o computador dê conta da educação de seus filhos. Assim, tanto a família quanto a escola ficam esperando que uma assume o papel da outra. No entanto, é preciso que as duas instituições em parceria, verifiquem cada uma o seu papel, para enfrentar estes problemas que envolve a todos, ampliando as preocupações e princípios que possam uni-las mesmo em suas complexidades, pois essa situação não mais se sustenta. A escola sobrecarregou-se a partir do momento em que assumiu tarefas e responsabilidades que não são suas.

Para reforçar esse pensamento o artigo 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) Lei nº 9.394, sancionada em 20 de dezembro de 1996 reafirma que:

A educação é dever da família e do estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana. Tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996)

É importante lembrar que as referidas funções não se resumem apenas em transmitir conhecimentos sistematizados, tem também o compromisso de desenvolver habilidades intelectuais, fazendo com que a criança seja capaz de refletir, analisar, criar, estabelecer relações, argumentar, enfim, torná-los autônomas

quanto aos aspectos necessários para a vivência como cidadãos na sociedade abominando todo tipo de preconceito, discriminação e injustiça.

A construção da autonomia da criança só será possível se esta conviver em ambientes democráticos, onde haja cooperatividade, coletividade e interatividade, pois a influência desses ambientes contribuirão para um bom aprendizado.

Em vista disso é que enfatizamos a importância do enlace entre a família e a escola visto que, cada uma com seus valores, metodologias e objetivos específicos no que condiz a educação de uma criança, se sobrepõe ao mesmo tempo em que necessitam uma da outra. Não é necessário que escola e família modifiquem suas formas de desenvolvimento e organização. E sim, abram-se às trocas de experiências mediante uma parceria significativa.

Este estudo, assim como as experiências diárias, nos leva a perceber com clareza a importância de compartilhar responsabilidades e não transferi-las. A escola não é uma instituição que funciona isoladamente, por isso não pode sozinha carregar a grande responsabilidade da formação de uma criança. Senão, esta responsabilidade se torna um peso prejudicial a todos: escola, aluno, família e sociedade. É preciso que cada um, dentro de sua função, trabalhe em prol de uma construção coletiva que contribua para a melhoria do desempenho escolar das crianças.

À medida que a escola abrir espaços e criar mecanismos para atrair a família para o ambiente escolar, novas oportunidades surgirão para que seja desenvolvida uma educação de qualidade, sustentada por essa relação. Reafirma-se dessa forma, que a interação família/escola é necessária para que ambas conheçam suas realidades e busquem caminhos que permitam facilitar o entrosamento entre si, para o sucesso educacional do filho/aluno.

Esta parceria pode ser um pilar imprescindível para o desempenho escolar da criança. Por isso é necessário que a escola abra suas portas para conhecer as famílias de seus alunos, garantindo a presença e permanência dos pais em todo processo educativo de seus filhos.

No entanto, acreditamos que as famílias tem papel primordial na formação e acompanhamento de seus filhos antes e durante sua permanência na escola, já que por meio desta, poder-se-á obter melhores resultados com as crianças. Será sobre este subtema que trataremos a seguir.

3 O PAPEL DAS FAMÍLIAS PARA A EDUCAÇÃO DOS FILHOS

O grande questionamento na sociedade atual tem sido sobre as responsabilidades da família em relação à educação dos filhos e se os novos modelos de estruturação familiar contribuem de certa forma para o desenvolvimento cognitivo da criança.

Vivemos um momento em que deixamos a educação ser conduzida pelos ensinamentos midiáticos, passeios, presentes e conselhos de terceiros que substituem os pais. Ações como estas têm sido, cada vez mais, vistas com naturalidade e aceitabilidade entre as famílias. Mas, suas consequências podem ser desastrosas a partir do momento que se permite que os meios de comunicação dialoguem mais com os filhos do que os próprios pais. Que autonomia e credibilidade os meios de comunicação tem para corrigir o erro de uma criança?

As transformações sociais ocorridas nas décadas de 1960, 1970 e 1980 quando a ordem era quebrar as regras impostas pela ditadura militar afetaram também a ordem familiar. Não podemos negar as muitas conquistas, porém, muitos valores foram ameaçados desde então. Os filhos destas décadas são os pais e avós de hoje e com as inúmeras e inevitáveis mudanças de comportamento somadas à inversão de valores fez com que as regras familiares se transformassem em atitudes sem importância. Como exemplo podemos citar a hábito de pedir a benção aos pais ou informar para onde se está indo.

Os modismos contemporâneos, sobretudo aqueles impostos pelas mídias ditam as novas regras de comportamento dos filhos e, também, dos pais que, cada vez mais, estão abrindo mão de suas responsabilidades em relação à educação de seus filhos e não tem consciência de que o não também é fundamental para a imposição de limites e, conseqüentemente para uma educação equilibrada dos filhos. O não de hoje com certeza fará um adulto forte no futuro. Aprender a receber um não ensinará a criança que a vida nem sempre lhe dirá um sim, evitando frustrações. Aprender a receber um não é aprender a dizê-lo também. A criança que aprende a receber um não também o dirá às drogas, ao álcool, ao sexo prematuro; dirá não aos pequenos furtos, à desonestidade, à falta de respeito, à mentira. Dirá não a tudo que tentar substituir os pais.

3.1 As dificuldades da família no processo educativo dos filhos

A educação dos filhos está longe de ser uma tarefa simples. É um desafio diário cujas bases são culturais. Os pais precisam, antes de tudo, reconhecer suas condições humanas que limitam seus recursos emocionais e terem consciência de que as dificuldades e crises familiares são inevitáveis. E, nestas horas, a sua maturidade e responsabilidade de pais é imprescindível. Muitos, por medo de parecerem autoritários acham que os filhos não podem ser tolhidos em suas reações e esquecem que autonomia é bem diferente de autoritarismo. A autonomia faz crescer, o autoritarismo amedronta.

É comum pessoas que não tiveram limites na infância se tornarem adultos inseguros que não sabem lidar com limitações impostas pela vida e, conseqüentemente, não sabem impor limites na educação de seus filhos. Preferem atender as manias de seus filhos pensando que estão lhe fazendo o bem ou por medo de serem rotulados de antiquados que vivem fora dos novos padrões sociais. Somando-se a estes pais que deixam a educação de seus filhos correrem solta tem aqueles que:

Pais ásperos cobram com agressividade comportamentos que fogem da sua expectativa, mostram baixa manifestação de afeto, são incapazes de reconhecimento e elogio. Seus filhos acabam por apresentar baixa estima, sentem-se culpados, buscam esconder o medo dos desafios, ora mostrando conduta obediente e passiva, ora rebelando-se e mostrando explosões emocionais sem motivo aparente (SOUSA, 2012, p. 17).

Sentimentos como irritação, raiva e descontentamento fazem parte da vida humana, porém, nem pais e nem filhos tem o direito de usar a agressividade para impor suas vontades em detrimento de outros. Se a criança observa uma discussão entre seus pais e no final nota que a exaltação do início se transformou em uma conversa equilibrada capaz de resolver algum problema ele tirará daí uma lição importante para a sua vida. Quando for adulto e se deparar com situações conflituosas com outras pessoas e lembrar-se do resultado da briga entre seus pais poderá ter atitudes semelhantes e resolver o problema de forma equilibrada. Mas, se a criança testemunha uma pequena discussão entre seus pais se transforma em

agressões físicas e/ou verbais terá grandes chances de agir da mesma maneira quando for adulta. É preciso levar a criança a compreender que ao longo da vida aquelas “pequenas insatisfações podem ajudar a lidar com outras, maiores, que a vida certamente trará. Os filhos precisam aprender que podem ter raiva, mas não precisam odiar nem fazer comentários maldosos” (SOUSA, 2012, p. 19).

Na educação de uma criança um dos grandes desafios é ensiná-los a como agir diante de uma ação conflituosa, por exemplo, os comportamentos indesejados, agressivos devem ser desestimulados sem que as emoções sejam sufocadas e os sentimentos censurados.

[...] se no passado os sentimentos eram vistos como prova de fragilidade emocional, hoje não se pode negar que homens e mulheres, independentemente do sexo, idade ou situação socioeconômica experimentam raiva, medo e afeto. (SOUSA, 2012. p. 19).

Isso, também é atribuído aos pais que, à vezes, não sabem lidar com as emoções. O pai que não sabe se compor emocionalmente tem grandes dificuldades para orientar seus filhos. Daí surge a grande importância do equilíbrio entre afeto e limite.

Tratando dos direitos e deveres de uma criança à educação o art. 226 da Constituição da República Federativa do Brasil (1988) diz que “a família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado”. O art. 19 da Lei 8.069/90 dos Direitos Fundamentais, diz que:

[...] toda criança ou adolescente tem direito de ser criado e educado no seio de sua família e excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de entorpecentes. (BRASIL, 1988).

Como consta na legislação, a família é fundamental para a educação de uma criança. E esta ideia, também é reforçada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em seu art. 19 que diz o seguinte: “Toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio da sua família” (BRASIL, 1990). Os pais devem ser os primeiros educadores de seus filhos valorizando a relação natural entre paternidade e educação. Tão importante quanto dar a vida a um novo ser é ensiná-lo a crescer como pessoa proporcionando-lhes alternativas para desenvolver

virtudes como a sinceridade, a generosidade, a obediência, a honestidade dentre outras.

Na contemporaneidade, cada vez mais os pais estão sem tempo de acompanhar integralmente o desenvolvimento dos filhos. Como diz Vasconcelos (1989, p. 29):

[...] a concentração de renda e a ânsia do consumo apontam consequências no meio familiar como o homem trabalha mais; a mulher vai para o mercado de trabalho; a preocupação com o desemprego; há menos tempo qualitativo para a família.

Com esta nova realidade surge a questão: qual seria realmente o papel da família em relação a vida escolar de seus filhos?

Para Tiba (1996, p. 20):

O estudo é essencial; portanto, os filhos têm obrigação de estudar. Caso não o façam, terão sempre que arcar com as consequências de sua indisciplina, que deverão ser previamente estabelecidas pelos pais. Só poderão brincar depois de estudar, por exemplo. No que é essencial, os pais deverão dedicar mais tempo para acompanhar de perto se o combinado está sendo levado em consideração. Os filhos precisam entender que tem a responsabilidade de estudar.

Atualmente, a maioria dos responsáveis pela educação das crianças, seja na família ou na escola, não estão cumprindo suas funções com perfeição. A fragilidade da autonomia dos pais em casa obriga o professor a ser mais enérgico na aula devido a indisciplina de muitos alunos. Na família os pais são os maiores responsáveis pela educação dos filhos e devem responder por eles até atingirem a maioridade. Mas, é importante saber que desde cedo é preciso ensiná-los a serem responsáveis e responderem pelos seus atos, ou seja, a responsabilidade dos pais para com os filhos menores de idade não pode isentá-los de assumirem suas falhas.

O papel da família na educação formal e informal dos filhos é muito importante, pois o seio familiar é o ambiente mais propício para se absorver valores éticos e morais e, é onde devem ser aprofundados os sentimentos de solidariedade e afetividade. É também no meio familiar que se deve, primeiramente, construir e observar os valores culturais e sociais.

Mesmo com tantas dificuldades, segundo Chalita (2001 p. 20), a família tem a responsabilidade de “[...] formar o caráter, de educar para os desafios da vida, de perpetuar valores éticos e morais. A família é um espaço em que as máscaras

devem dar lugar à face transparente, sem disfarces. O diálogo não tem preço”. Assim, é na família que, através do diálogo podem-se construir conhecimentos voltados para a atuação na sociedade, onde o respeito a si e ao outro, os princípios éticos e de conduta no ambiente social são assimilados.

Desta forma, o diálogo é o principal instrumento para se conseguir fazer com que o educando aprenda. De acordo com Vasconcelos (1989, p. 123), dialogar requer, além de possibilitar que os pais falem sobre o seu conhecimento, também, “É o olho no olho, estar junto, inteiro; querer saber como o filho está indo, suas conquistas, temores, expectativas de vida, visão de mundo, preocupações, etc.”

Assim, através da troca de experiências e conhecimentos, pais e filhos podem construir juntos uma educação repleta de valores necessários para a vivência no mundo atual. Ademais, no estabelecimento de limites e regras.

Vasconcelos (1989, p. 125) menciona que:

Percebemos duas realidades contraditórias nas famílias: ou a ausência de regras, ou a imposição autoritária de normas. Muitas vezes, por um medo interno de não serem aceitos, os pais acabam não estabelecendo e/ou não fazendo cumprir os limites, levando a uma relação muito permissiva. Outras vezes, sentindo necessidade de fazer alguma coisa, mas não tendo clareza, acabam impondo limites, sem explicar a razão. A superação desta situação pode se dar pelo diálogo, com afeto e segurança, chegando a limites razoáveis. Assim sendo, têm-se condições de não ceder diante da insistência infantil.

De tal modo, na constituição de regras e limites no ambiente familiar, faz-se necessário, através do diálogo, que os pais expliquem as causas de suas imposições para que a criança possa entender os motivos delas terem sido criadas.

É necessário que o educando entenda o que se propõe como algo melhor para ele, portanto, a explicação sempre se faz necessário.

É importante frisar que a família autoritária perpetua a sociedade autoritária e faz permanecer na mente de seus membros os ideais de obediência e submissão, de cópia sem questionamentos dos padrões estabelecidos. Mas, querer o melhor para os filhos não significa jamais facilitar-lhes demais as coisas, evitar-lhes desapontamentos, impedir que assumam senso de responsabilidade pelo que fazem. Existe uma diferença em fingir que algo feito de modo errado não aconteceu, acobertando a falha e estimulando a irresponsabilidade. O amparo emocional é

essencial e o elogio precisa sempre acompanhar o crescimento, mas existe diferença entre “proteger” e “superproteger”.

Nesta perspectiva Cury (2008, p. 130) evidencia que:

[...] a liberdade que o jovem precisa está intimamente relacionada com sua autonomia e independência, e essas precisam ser conquistadas. A clara demonstração de padrões seguros de responsabilidade, ou seja, de comportamentos responsáveis ao longo do seu desenvolvimento, deveria capacitar o jovem a maiores níveis de liberdade.

Assim, a preparação para a vida, a formação da pessoa, a construção do ser são responsabilidades da família quando a criança está em seu interior e esta deve preparar o jovem para atuar com liberdade, mas sem perder a responsabilidade sobre seus atos. É papel da família contribuir para uma boa formação de caráter dos seus filhos, repassando os valores éticos e morais, sem eximir da sua responsabilidade o papel de educadora.

Nesse sentido Antunes (2005, p. 53) destaca que:

Ajudar a criança a construir um bom caráter é a mesma coisa que ajudá-la a desenvolver sua consciência do erro e do acerto. Caráter e consciência expressam a visão que ela possui de si mesma e aproxima-se muito do sentimento de autoestima. É por essa razão que a educação do caráter é importante.

Portanto, se muitas vezes a criança não demonstra ter princípios éticos e morais que são cobrados pela escola, acredita-se que a família deixou de trabalhar esses pressupostos para se apresentar um bom comportamento, diante disto, é preciso que a escola possa suprir tal carência.

É necessário que os valores sejam transmitidos de pai para filho através do próprio exemplo, este é fator primordial na aprendizagem da criança como destaca os estudos de Feijó (2008, p. 108) ao concluir que:

Quando preservamos valores morais e sociais, quando demonstramos interesse ao próximo, quando somos justos, honestos, equilibrados, assertivos em nossas atitudes, por modelação tenderemos a formar filhos também justos, honestos, equilibrados e interessados em valores sociais.

Sendo assim, as atitudes tomadas pelos pais afetam diretamente na aprendizagem da criança, mesmo quando seus genitores não percebem que isto está acontecendo, como mencionam Nolte e Harris (2003, p. 15):

As crianças são como esponjas. Absorvem tudo o que fazemos, tudo o que dizemos. Aprendem conosco o tempo todo, mesmo quando não nos damos conta de que estamos ensinando. Assim, quando adotamos um comportamento crítico – reclamando delas, dos outros e do mundo em torno de nós, estamos lhes mostrando como condenar e criticar os outros. Estamos ensinando a ver o que está errado no mundo, e não o que está certo.

Desta forma, a criança sempre estará atenta à mensagem enviada através do exemplo de comportamento de seus pais. Apesar de ser normal tomar atitudes de irritação e crítica de vez em quando, ainda que os filhos estejam ouvindo, o importante é não fazer destas ações, atitudes rotineiras no meio familiar. Pois de acordo com Nolte e Harris (2003, p. 15), “Se as crianças vivem ouvindo críticas, aprendem a condenar”. Portanto, as possibilidades de aprendizagem de crianças e jovens dependem da qualidade de mediações e exemplos dos adultos a que ela seja exposta em seus vários momentos da vida.

Existem várias formas dos pais participarem da vida escolar dos filhos. Uma das maneiras mais comentadas atualmente é a participação nas tarefas de casa. Mas, esta participação tem sido alvo de muitas controvérsias, principalmente entre pais e educadores é o auxílio às tarefas que a escola envia. Nesta questão, destaca a psicopedagoga Parolin (2007, p. 68) em suas pesquisas com pais e alunos:

Observo que, apesar das teorias que embasam a nossa prática educativa, os testemunhos vêm inflamados de emoção e distantes das teorias preconizadas. Essa realidade vivida não corresponde ao que os educadores gostariam de viver. Encontrei no tema lição de casa uma realidade que é vivida/sofrida e distante da idealizada. (...) Poucas escolas, educadores ou crianças falam bem e de forma construtiva dessa “tarefa”. Parece que a lição de casa está envolta em uma sombra que gera muita emoção e precisa ser clareada. Ela é, ou tem sido, em muitas escolas e famílias, uma tarefa que não tem servido para nada, e não é responsabilidade de ninguém especificadamente. Parolin (2007,p.68)

Conforme vimos, muitas famílias e professores têm dificuldade em definir o real objetivo das tarefas de casa, pois, na grande maioria, entraves como: os alunos a executam somente para “ganhar pontos”; os pais é que realizam os

deveres pelo filho já que estes não sabem como fazê-lo; é feita de forma mecânica, como algo forçado e obrigatório; o professor não esclarece seus reais objetivos; a tarefa é imposta para castigar o aluno.

Portanto, apesar dos problemas encontrados, algumas alternativas são evidenciadas por alguns autores. Nos estudos de Vasconcelos (1989, p. 127) é possível se constatar que:

Quando solicitado à ajuda no estudo, procurar chamar atenção ao que é fundamental, ao que é mais significativo; não fazer “questionário” para o filho decorar perguntas e respostas. Orientar para que a criança se preocupe em compreender o que estuda e não em decorar.

Já nas pesquisas de Tiba (1996, p. 272) dispomos de algumas propostas para os pais auxiliarem nas tarefas dos filhos:

Tiba (1996,p.272) destaca:

A criança deve estudar em voz alta e evitar decoreba. Num quarto com TV, internet, telefone ou qualquer outro atrativo, torna-se sonífero ler somente com os olhos. Não é justo com a mãe ou com qualquer outro adulto ler para a criança. O importante é que ela mesma descubra ou lembre o que deve ser feito. Afinal, ela é responsável pela lição de casa.

Deste modo, fazer lições pelo filho, enfreado a própria letra, é prejudicial tanto para o desenvolvimento cognitivo da criança como para a própria autoestima dela. A professora precisa saber o que a criança consegue ou não fazer a lição de casa para poder avaliar os motivos desta dificuldade.

A lição de casa não deve servir como um problema no ambiente familiar, mas com o objetivo de fazer com que o aluno possa pensar, resolver, refletir, colher dados, pesquisar, a fim de reforçar o que foi ensinado em sala de aula e, Parolim (2007, p. 69) reforça a ideia de que o estudante tem que saber que, “possui compromissos e necessita aprender a realizá-los”. Mas, na realidade em suas pesquisas com pais e alunos, o que a autora tem observado é que em muitos casos, os deveres enviados pelos professores evidenciam um grave erro, ou seja: “tarefas óbvias que têm como função apenas a repetição de atividades já realizadas na escola, com a intenção de fixar conhecimentos, ou desenvolver hábito de estudo, porém com temas desvinculados da vida”.

Portanto, é possível constatar a necessidade de haver uma reflexão por parte da escola em implantar a tarefa de casa, não como algo já enraizado nos

estabelecimentos escolares e a serviço apenas do reforço do que foi dado em sala de aula desprovida de significados. Para Parolin (2007, p. 71), estas atividades devem servir,

Como um instrumento de aprendizagem. E que as aprendizagens advindas dessa “tarefa” sejam todas benéficas, promotoras de autonomia, provocadoras de reflexões e conhecimento e, sobretudo, com temperatura emocional mais baixa e com mais luz para todos nós!

Desta forma a lição de casa precisa ser esclarecida e bem formulada pelos professores para o desenvolvimento da aprendizagem, responsabilidade e autonomia da criança, e principalmente para que provoque nela uma reflexão sobre o que está estudando.

No entanto, acreditamos que outro elemento poderá propiciar bons resultados no papel que deve ser exercido pelas famílias, em parceria com as escolas, a afetividade, já que esta caracteriza-se como um pilar que pode propiciar estímulo e fortaleza para as crianças.

3.2 A afetividade no desenvolvimento cognitivo da criança em casa e na escola

Muitas vezes quando se fala de afetividade, esta é tratada como dimensão isolada da cognição no funcionamento psicológico humano. Todavia, para o trabalho que deve ser realizado na escola e em casa, a parte afetiva está totalmente ligada com o cognitivo, já que uma criança que chega na escola carente de afeto, sobretudo do afeto familiar, poderá ter seu desenvolvimento cognitivamente comprometido. Entretanto, seus aspectos cognitivos estão dialeticamente relacionados e integrados entre si.

Segundo Oliveira (2003), estudos comprovam que existe uma distinção entre os termos cognição e afetividade. Sendo que identificam as funções afetivas como uma motivação ou um aspecto conativo manifestado por um indivíduo; a função cognitiva abrange vários aspectos como a percepção, o conhecimento, e a aprendizagem, a razão, o conceito, o raciocínio e outros, ou seja, todos os aspectos que estejam relacionados com a observação e processamento de informação.

Nesse sentido, e essa última age como um elemento motivador contribuindo para um bom funcionamento ou desenvolvimento humano, não devendo uma estar separada da outra.

Dantas (1992) também diz que cognição e afetividade não se separam, elas é interessante ressaltar que as funções cognitiva e afetiva estão interligadas, se alternam, ora predomina a afetividade, ora a cognição.

O ser humano foi, logo que saiu da vida puramente orgânica, um ser afetivo. Da afetividade diferenciou-se, lentamente, a vida racional. Portanto, no início da vida, “afetividade e inteligência estão sincreticamente misturadas, com o predomínio da primeira” (DANTAS, 1992, p. 90).

À medida que o ser humano vai crescendo, as relações entre afetividade e a inteligência vão se manifestando, andando sempre juntas, e em meio ao processo de crescimento ou formação do indivíduo, uma se reflui, para que a outra predomine dando origem à personalidade do sujeito.

É importante destacar que o homem expressa seus pensamentos e suas emoções através da concepção histórico-cultural, ou seja, a vida afetiva social de um sujeito é construída no contexto cultural ao qual o mesmo pertence. Cada pessoa apresenta uma personalidade, ou manifesta suas reações, seu modo de agir, conforme sua cultura ou influências sociais. Desse modo as funções cognitiva e afetiva são determinadas pelas relações culturais ou práticas sociais.

Conforme Oliveira (2003) a teoria piagetiana faz uma reflexão que relaciona a função cognitiva e afetiva, comparando-as a uma máquina e seu combustível. Ele diz que a afetividade e motivação são o combustível, enquanto a cognição é a estrutura da máquina ou motor pensante. Apesar disso, nota-se, que é impossível separar estas duas funções, tendo em vista, que um motor não funciona sozinho e muito menos sem combustível.

Diante disso, acreditamos que é necessário que as escolas construam um novo sistema educativo, rompendo a divisão entre afetividade e cognição, já que muitos educadores, em sua prática pedagógica, façam uso dessa teoria de oposição entre estas duas funções. Wallon (apud NUNES e SILVEIRA, 2009, p. 38) afirma que a escola tem de tratar adequadamente as emoções dos alunos, não aumentando as situações de frustrações e ansiedade, porque isso pode afetar o funcionamento cognitivo da criança durante o seu processo de aprendizagem. Se a criança vem de um ambiente familiar conflituoso onde não há afeto e ao chegar na

escola se deparar com um ambiente igualmente conflituoso e sem afeto é obvio que o nível de estresse será elevado e seu desempenho será ainda mais comprometido.

Ainda na escola, o educador precisa equilibrar o seu emocional, diante de situações conflituosas, fazendo uso da razão, tendo em vista que, uma boa relação entre professor e aluno é um fator imprescindível para a aprendizagem.

Sentimos necessidade, daqui para frente, de fundamentar a importância da afetividade, segundo o ideário de Piaget e Vygotsky, o que poderá dar maior ênfase a este aspecto no trabalho pedagógico.

3.2.1 A afetividade segundo Piaget e Vygotsky

Em um sentido amplo, a afetividade pode ser compreendida como conjunto de emoções, sentimentos e sensações presentes na vida do ser humano.

Para compreender o tema afetividade de forma ampla é necessário entender a perspectiva da afetividade sob a ótica da teoria do desenvolvimento cognitivo de acordo com Jean Piaget. O afeto é essencial para o funcionamento da inteligência. Como o próprio Piaget (1976, p. 16) apontou,

[...] vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis porque todo intercambio com o meio pressupõe ao mesmo tempo estruturação e valorização. Assim é que não se poderia racionar, inclusive em matemática, sem vivenciar certos sentimentos, e que, por outro lado, não existem afeições sem o mínimo de compreensão.

Por este posicionamento, vê-se que sem afeto, não há interesse, necessidade, muito menos motivação pela aprendizagem, não há também questionamentos, e sem eles, não há desenvolvimento mental. Afetividade e cognição se complementam e uma dá suporte ao desenvolvimento da outra.

Piaget (1976) reforça que o afeto pode acelerar ou retardar o desenvolvimento das estruturas cognitivas. O afeto acelera o desenvolvimento das estruturas, no caso de interesse e necessidade, e retarda quando a situação afetiva é obstáculo para o desenvolvimento intelectual. A afetividade não explica a construção da inteligência, mas as construções mentais são permeadas pelo

aspecto afetivo. Toda conduta tem um aspecto cognitivo e um afetivo, e um não funciona sem o outro.

Piaget (1976) estudou o desenvolvimento epistemológico do homem, ou seja, como se constrói o conhecimento humano. Dessa forma, acerca do desenvolvimento cognitivo, ele dividiu em quatro estágios: sensório motor (0 a 2 anos), pré-operacional (2 a 7 anos), operações concretas (7 a 12 anos) e operações formais (12 anos em diante), que discutiremos adiante.

O primeiro momento de desenvolvimento lógico é o estágio sensório-motor, que vai de zero a dois anos. Durante esse período a inteligência se revela na ação, ou seja, a criança adquire a capacidade de conduzir seus reflexos básicos para que gerem ações prazerosas ou vantajosas. O estágio sensório-motor é anterior à linguagem, no qual a criança desenvolve a percepção de si mesmo e dos objetos a sua volta. O desenvolvimento afetivo neste estágio se manifesta no sorriso infantil, que é reforçado pelo sorriso do outro, torna-se um instrumento de troca ou contágio e logo de diferenciação das pessoas e coisas.

O segundo momento do desenvolvimento é o estágio pré-operacional que ocorre entre as idades de dois a sete anos e se caracteriza pelo surgimento da capacidade de dominar a linguagem e a representação do mundo por meio de símbolos. Neste estágio as atividades ainda estão voltadas para a representação, simbólica e social, tais como: imitações de objetos e eventos que já ocorreram, o jogo de “faz de conta”. A afetividade está centrada no egocentrismo, em que a criança está centrada em si mesmo, e torna-se mais sociável e comunicativa no decorrer do estágio.

O terceiro momento é o estágio das operações concretas, dos sete aos doze anos, que tem como marca a aquisição da noção de reversibilidade das ações. Surge a lógica nos processos mentais e a habilidade de discriminar os objetos por similaridades e diferenças. A criança já pode dominar conceitos de tempo e número. E, também, já desenvolve noções de tempo, espaço, velocidade, ordem, casualidade, conservação da qualidade, do peso e do volume, a classificação e a seriação. O desenvolvimento afetivo neste estágio ocorre através das interações com os adultos, baseadas no respeito unilateral, nas brincadeiras com os colegas, solucionando pequenos problemas entre eles, ou seja, baseia-se no respeito mútuo e na cooperação.

O quarto estágio é o operatório-formal que começa por volta dos doze anos em diante. Essa fase marca a entrada na idade adulta, em termos cognitivos. O adolescente passa a ter o domínio do pensamento lógico, que possibilita solucionar as classes de problemas, e do pensamento dedutivo, que o habilita à experimentação mental, em que o adolescente é capaz de deduzir as conclusões de puras hipóteses, e não somente através de observação real. Isso implica, entre outras coisas, relacionar conceitos abstratos e raciocinar sobre hipóteses. O docente pode aproveitar essa evolução para mediar as emoções em sala de aula, evitar confrontos e oferecer ajuda na compreensão de suas emoções e sentimentos.

Nota-se que a afetividade, sobretudo da família e daqueles mais próximos, é de suma importância para a vida, tanto quanto a formação cognitiva ou o processo de conhecimento. A afetividade e a inteligência são dois aspectos inseparáveis no desenvolvimento e se apresentam de forma antagônica e complementar, pois se a criança tem algum problema no desenvolvimento afetivo isto acabará comprometendo seu desempenho cognitivo. O afeto é o estimulante, o que excita a ação, e o pensamento, é o fruto da ação.

É facilmente percebido que, crianças que vem de um ambiente familiar conflituoso, tendem a demonstrar um atraso em seu desenvolvimento cognitivo. Enquanto, aquelas que vivem em um ambiente harmonioso, onde há afeto e ajuda mútua, sentem-se mais seguras e se desenvolvem com maior facilidade.

Diante disso, Piaget (1976, p. 36) destaca, “que em toda conduta as motivações e o domínio energético provém da afetividade, enquanto que as técnicas e o ajustamento dos meios empregados constituem o aspecto cognitivo”. Ele acreditava que as estruturas afetivas eram construídas, semelhantes às estruturas cognitivas. Percebe-se então que para ele a afetividade e a inteligência também são inseparáveis, aspecto perfeitamente visível, pois se a criança tem problemas no desenvolvimento afetivo isto acabará comprometendo seu desempenho cognitivo.

Assim, Piaget deixou claro que a afetividade não se resume em manifestações de carinho físico e sim em uma preparação para o desenvolvimento cognitivo, pois, é um fator indispensável na relação com as pessoas que estão em contato com o desenvolvimento integral da criança. Esta afetividade é para o desenvolvimento de um sujeito crítico, autônomo, reflexivo e responsável; para uma sociedade ideal. A criança em qualquer lugar que ela esteja se desenvolve como ser

humano, por meio de suas experiências com aquele lugar ou momento, e a afetividade deve permear todos estes momentos.

Outro autor que fundamenta a importância da afetividade foi Vygotsky, que discute sobre fatores biológicos e sociais no processo de formação do ser humano. Dentre as visões de Vygotsky propostas por Marta Kohl Oliveira (2003) no processo de formação de conceitos e na construção de significados poderemos relacionar o papel do professor na escola na transmissão do conteúdo de cunho conceitual, ou seja, que não é aprendido no dia a dia. Para OLIVEIRA (2003), Vygotsky menciona que a mente humana não possui estruturas que desde o nascimento contém conhecimento.

É por meio da vivência na sociedade e nas relações com outros seres humanos que a pessoa construirá novos conhecimentos e novas relações entre os objetos de estudo. O aluno não nasce com o conteúdo internalizado em sua mente, o conteúdo deve ser transmitido pelo professor, mas somente transmiti-lo não é o bastante, a socialização com o professor, a discussão e a troca de ideias será fundamental para que o conteúdo se fixe de forma que o discente elabore com suas próprias palavras o que foi aprendido.

Além de Piaget, Vygotsky (1989) também menciona a importância dos conhecimentos construídos a partir da vivência do aluno no sentido de que as experiências pelos quais ele passa no seu cotidiano, além de lembrar-se de determinados conceitos na hora dos estudos, também entenderá a origem do conceito.

Enfatizando o aspecto afetivo no indivíduo humano existem dois pressupostos na teoria de Vygotsky que descrevem o lugar da afetividade na pessoa. A primeira é a perspectiva declaradamente monista, que vai contra qualquer divisão da dimensão humana como, por exemplo, corpo/alma, material/não material. A segunda é a abordagem globalizante ou holística, esta evidencia o estudo das partes que unem uma totalidade.

Explicando de forma mais simples estas duas abordagens, tanto na abordagem monista como na abordagem globalizante, é evidenciada a procura de um indivíduo como um todo, ou seja, busca a consciência da pessoa em sua totalidade não separando o lado cognitivo, que analisa as informações recebidas com a finalidade de responder às diversas situações pelas quais o ser humano passa do lado afetivo que representa o lado de sentimento humano capaz de reagir

de acordo com os diferentes estímulos recebidos das relações existentes entre dois seres humanos. Neste caso podemos citar o aluno e o professor ou o aluno e sua família como participantes das relações anteriormente mencionadas.

Oliveira (2003) menciona que Vygotsky propõe que a formação do pensamento do indivíduo é intrínseca à zona de motivação e o ser humano deve ter alguma motivação, seja ela uma necessidade de realizar algo, como um compromisso, seja um interesse, como, por exemplo, quando estamos interessados em entender como o corpo humano funciona ou qualquer outro interesse não necessariamente acadêmico. Outros fatores motivacionais também colocados por Vygotsky são: impulsos, o afeto e a emoção, o pensamento também é formado a partir destes fatores uma vez que eles motivam o ser humano por meio do sentimento aos dois últimos fatores e no sentido de respondermos rapidamente a uma situação de surpresa no caso do impulso.

Para elaborarmos respostas a cada um destes fatores que motivam o ser humano existe uma necessidade de agir intelectualmente, refletindo e agindo de acordo com o que se sente.

No espaço físico acadêmico podemos citar novamente os alunos interessados na aula, como mencionado. Damos o exemplo do interesse ao aprender sobre o corpo humano, porém não somente o fator interesse existe na sala de aula, mas também o afeto no sentido do modo como o professor expõe o conteúdo que pode variar com o ser humano, o modo como os alunos respondem quando o docente os questiona e a emoção evidenciada nos discentes ao tirarem uma boa nota ou então uma nota não satisfatória. Não podemos deixar de levar em consideração as relações emocionais do aluno com o seu ciclo familiar.

Vygotsky entende que a base do pensamento é afetivo-volitiva, ou seja, existe uma relação muito grande do afeto que os discentes têm pela matéria e/ou pelo professor com a nossa vontade, vontade está de aprender. Se não se sentirem bem com o professor e/ou com a matéria que ele leciona não estarão aptos o suficiente para entender a matéria, para raciocinar de forma construtiva. Esta ideia da ligação entre os estudos com a vontade de estudar pode ser direcionada ao interesse dos educandos mencionado anteriormente e, é esta vontade que mostra o interesse - vontade de crescer, aprender, de buscar respostas com o docente ou através de outros meios que faz o aluno está apto a entender o conteúdo.

É por meio do processo de ensino e aprendizagem que o afeto se vincula ao interesse em que ocorrem as transformações do conhecimento antigo para o conhecimento novo, atualizado. Ao final deste processo, o aluno obterá como resultado uma consciência do conteúdo que aprendeu e estando consciente daquilo que compreendeu ele poderá elaborar textos sobre conteúdo explícito com as próprias palavras e conforme o estudo mais detalhado sobre aquele determinado assunto ocorre que o educando passa a ter uma visão mais crítica daquilo que escreveu ou entendeu no passado, o que o motiva a procurar por mais respostas às perguntas que surgem com o tempo (OLIVEIRA, 2003, p. 81).

Se o aluno se sente amparado afetivamente, os desafios próprios do processo de ensino e aprendizagem tornam-se mais amenos na medida em que ele se sente fortalecido, com isso, aproveitará mais informações e construirá novos conhecimentos.

Coutinho (2004) nos diz que o nascimento da criança é marcado por um estado de dependência primária, biológica e psicológica que não cessa com o simples amadurecimento biológico ao longo da infância, e que o recém-nascido depende totalmente da mãe. Tal vínculo é a garantia de sua sobrevivência, pois, para o bebê, viver é receber calor e proteção, é receber carinho; viver é “depende de”. O desenvolvimento e o amadurecimento da personalidade implicam, entre outras coisas, passar dessa dependência inicial a um grau progressivo de independência. Ou seja, num certo nível, bastar-se a si mesmo biológica e psiquicamente, podendo ser provedor de outra pessoa em alimento, calor, proteção e carinho.

Crescer significa poder estabelecer vínculos que não sejam somente vínculos de dependência e a passagem de um estado de dependência para o estado de independência marcará o nascimento psicológico da criança.

O nascimento biológico é um evento bem delimitado, dramático e observável, já o psicológico é um processo intrapsíquico de desdobramento muito lento, constituindo-se como um processo de separação-indivuação, podendo ocorrer, muitas vezes, numa idade acima da infância (COUTINHO, 2004, p. 18).

É no âmbito familiar a partir dos vínculos entre as pessoas destes primeiros convívios que se inicia a relação do ensinar e o aprender. A base destas relações é vincular e afetiva, pois o bebê utiliza uma forma de comunicação

emocional com um adulto para mobilizá-los. Dessa forma o que sustenta a etapa inicial do processo de aprendizagem é o vínculo afetivo entre a criança e o adulto.

Fernandez (1991), diz que a aprendizagem é repleta de afetividade, já que ocorre a partir das interações sociais, e mais ainda que, aprendizagem é uma mudança comportamental resultante da experiência, é uma forma de adaptação ao meio onde esse indivíduo está inserido.

O afeto é essencial para todo o funcionamento do nosso corpo nos dando coragem, motivação, interesse, e contribuindo para nosso desenvolvimento. E é pelas sensações que o afeto nos proporciona sabermos quando algo é verdadeiro ou não. Principalmente para a criança o afeto é importantíssimo, pois ela precisa sentir-se segura para poder desenvolver seu aprendizado, e “é necessário que o professor tenha consciência de como seus atos são extremamente significativos nesse processo, porque essa relação aluno/professor deve ser permeada de afeto, e as emoções são estruturantes da inteligência do indivíduo” (DANTAS, 1992, p. 32).

Freire (1997), afirma a importância dos componentes afetivos na construção do conhecimento. Ele diz que:

Devemos evitar o medo dos nossos sentimentos, de nossas emoções, de nossos desejos e o medo de que esses ponham a perder nossa cientificidade; diz ainda que, o que sabemos, sabemos com o corpo inteiro, com a mente, com os sentimentos, com a intuição e com as emoções. A afetividade constitui um fator muito importante no processo de desenvolvimento humano, e na relação com o outro, por meio desse outro, que o indivíduo poderá se delimitar como pessoa e manter o processo como permanente construção (FREIRE, 1997, p. 21-22).

Partindo dessa premissa compreende-se a emoção como o primeiro forte vínculo da criança com o seu meio. Já a afetividade corresponde a um momento mais tardio do desenvolvimento, sendo este marcado por elementos subjetivos que moldam a qualidade das relações com sujeitos e objetos.

Logo, pode-se dizer que a afetividade sinaliza a entrada da criança no universo simbólico, proporcionando também a origem da atividade cognitiva. Nesse caso a afetividade está ligada à capacidade e disposição do ser humano de ser influenciado pelas sensações internas ou externas ligadas a ações agradáveis ou não. Portanto, é de suma relevância que a escola promova uma educação voltada aos aspectos afetivos e também cognitivos, e que os professores assumam um papel de educador facilitador, com um olhar de afeto, um olhar amoroso, pautado

nos princípios da solidariedade, do respeito, da amizade, da tolerância, da confiança e da aproximação familiar ao âmbito escolar.

Toda esta reflexão visa levar-nos a pensar sobre a importância da relação que deve haver entre a família e a escola na formação dos sujeitos de nossa sociedade. Dessa forma, entendendo o papel da escola e da família, entremeada pela afetividade, podemos fazer mais para o desenvolvimento psicoeducativo das crianças. Mas, será que isso está parceria vem acontecendo de maneira favorável, a fim de propiciar os melhores resultados nesta formação? Daqui em diante, entenderemos como isso vem acontecendo em uma dada realidade educacional, sob o olhar de educadores e pais.

4 PERCURSOS METODOLÓGICOS

4.1 Universo da pesquisa

Buscando conhecer de perto - no cenário escolar - a importância da parceria família X escola e a afetividade como elemento fundante desta parceria, é que realizamos esta pesquisa in loco na Unidade Escolar Antônio Monteiro (turno matutino), com professores e pais de alunos. Esta escola é uma instituição pública que fica localizada na rua Coronel Francisco Moreira no Centro da cidade de Santa Quitéria do Maranhão.

O prédio é de alvenaria e está dividido em doze salas de aula, uma sala de informática, uma diretoria que também é usada pelos professores, uma cantina, dois banheiros (um masculino e outro feminino).

Trabalham nesta unidade, uma diretora, um diretor adjunto, vinte e cinco professores, todos graduados e apenas dezenove pós-graduados, dois auxiliares administrativos, seis auxiliares de serviços gerais e quatro vigias. Atende cerca de 687 alunos, todos de classe média ou baixa em dois turnos (matutino e vespertino).

4.2 Características da pesquisa

Este trabalho tem como base a pesquisa de campo apoiada em pesquisas bibliográficas de artigos, revistas e textos relacionados ao tema.

Para problematizar o nosso objeto, suscitamos a seguinte questão: A participação da família na escola pode favorecer o desenvolvimento infantil no processo de ensino e aprendizagem?

Como objetivos, buscamos: refletir sobre o papel da escola e da família na formação dos alunos, bem como discutir a importância da afetividade para o seu desenvolvimento cognitivo, e; analisar a luz da realidade, como vem acontecendo esta parceria entre família e escola e suas consequências.

Esta é uma pesquisa de campo, de natureza exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa, embasada com revisão de literatura.

Nossa coleta dos dados foi obtida por meio de entrevista semiestruturada, que como disse Lakatos e Marconi (2010) trata-se de uma conversação (diálogo) realizada face a face, de maneira metódica.

A utilização das entrevistas é relevante por provocar ricas contribuições dos sujeitos. Pádua (1997, p. 64-65), diz que “a entrevista é um procedimento mais usual no trabalho de campo. Por meio dela, o pesquisador busca obter informações contidas na fala dos atores”.

Os instrumentos usados para a coleta de dados foram questionários subjetivos para professores e pais. Além disso, conversou-se informalmente com a direção da escola e observaram-se diretamente os alunos.

Cada entrevistado recebeu um questionário para ser respondido em suas respectivas casas, para que pudessem ter mais liberdade e não sofressem nenhum tipo de constrangimento.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1 O olhar dos professores

Participaram desta pesquisa 9 pessoas, sendo 5 professores que trabalham do sexto ao nono ano do ensino fundamental II e 4 pais de alunos.

Primeiramente apresentaremos os resultados da pesquisa com os professores. Aos professores, o questionário aplicado continha quatro questões subjetivas descritas a seguir:

1. Que relação deve haver entre família e escola que vise favorecer o desenvolvimento educacional dos alunos?
2. De que forma acontece a participação da família na escola?
3. De que modo a escola incentiva a participação dos pais?
4. Que ações podem ser implementadas visando o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, pelo estreito vínculo entre família e escola?

Os cinco professores receberam nomes fictícios para terem sua identidade preservada. Eles serão chamados de: Lili; Flor; Gil; Jô e Riba. Todos concordaram em participar por livre e espontânea vontade, informando-nos dados importantes, que puderam enriquecer esta pesquisa.

Questão 1: Que relação deve haver entre família e escola que vise favorecer o desenvolvimento educacional dos alunos?

Lili: “O comprometimento de ambas”.

Flor: “A parceria é fundamental. Uma instituição tem que completar a outra e se uma deixa de fazer aquilo que lhe compete o trabalho da outra fica comprometido”.

Gil: “O que falta na verdade é uma parceria mais eficaz. Não apenas em palavras, mas em ações”.

Jô: “Práticas mais inovadas. A escola tem que se conscientizar de que se a família não participa ela tem que promover ações que traga a família e não que afaste mais ainda”.

Riba: “A parceria entre as duas. Uma tem que completar a outra”.

Diante das repostas, notamos que os professores compreendem que a parceria entre estas duas instituições é fundamental para o desenvolvimento educacional dos alunos.

O posicionamento deste entrevistados, reforça a importância dos pais e educadores trabalhando juntos, integrados, em busca dos mesmos objetivos. Por meio desta integração poder-se-á produzir uma relação satisfatória, uma educação harmoniosa e coerente, além de propiciar segurança, tranquilidade e confiança para a criança. Essa parceria deve favorecer o sucesso escolar e social das crianças, sendo fundamental que sigam os mesmos princípios e critérios, bem como a mesma direção em relação aos objetivos que desejam atingir, já que a educação perpassa tanto o ambiente escolar, quanto o familiar. “A interação entre ambos é muito importante para o sucesso do processo ensino-aprendizagem (SOUSA, 2012, p. 21)”.

É necessário também que a família se conscientize de sua responsabilidade na formação educacional dos filhos e não atribua esta função somente para a escola, pois a ausência dos pais prejudicará o rendimento escolar da criança que se sente vulnerável, podendo, diante deste não acompanhamento, ter pouco ou nenhum compromisso com os estudos, uma vez que não é incentivado e nem é cobrado por ninguém.

Para que esta parceria seja eficaz, a família precisa participar mais dos momentos oferecidos pela escola, situação que é bastante preocupante no campo de nossa pesquisa, como podemos observar a seguir.

Questão 2: De que forma acontece a participação da família na escola?

Lili: “Para falar a verdade não tem participação da família na escola. Eles só vêm aqui para reclamar. Nunca vem para saber como os filhos estão”.

Flor: “Os pais não participam da vida escolar dos filhos. Os poucos que aqui aparecem é só no dia da assinatura dos boletins. Quando fazemos reunião de pais e mestres a minoria comparece”.

Gil: “A família não participa. Na verdade só aparece aqui no dia das reuniões”.

Jô: “A família só participa das reuniões e ainda tem muitos que nem vem. Pedem para vizinhos e amigos para saber o que aconteceu ou então para assinarem os boletins dos filhos”.

Riba: “A participação é muito tímida. Os pais só vêm na escola quando chamamos e tem muitos que nem adianta chamar”.

A maioria dos professores entrevistados destacaram não existir participação das famílias na vida escolar dos filhos. E, os poucos que participam, ainda é de maneira muito tímida.

[...] a mudança e a perspectiva de integração entre família e escola devem ser incentivadas e analisadas constantemente. Esta luta se faz necessária para contribuir no processo de ensino-aprendizagem do educando, pois somente com a família interagindo com as escolas é que terá além de uma boa formação, uma preparação para tomar atitudes para enfrentar as dificuldades que certamente virão no decorrer de sua vida (PEREZ, 2007, p. 142).

Uma relação harmoniosa entre estas duas instituições poderá trazer benefícios para todos, principalmente para o aluno. Mas, para que os benefícios sejam alcançados é necessário que cada um saiba a importância de sua atuação e não deixe de cumpri-las.

Quando questionados sobre as iniciativas promovidas pela escola para incentivar a participação dos pais na vida escolar dos filhos, vejamos o que os entrevistados destacaram.

Questão 3: De que modo a escola incentiva a participação dos pais?

Lili: “Promovemos reuniões de pais e mestres, apresentações dos alunos e confraternizações”.

Flor: “Apesar da família não comparecer muito na escola eu, também, reconheço que a escola tem que fazer muito mais além de reuniões de pais e mestres porque nestas reuniões, na maioria das vezes os pais saem insatisfeitos por causa dos problemas gerados pelos seus filhos e, conseqüentemente os professores também ficam insatisfeitos. É sempre muito complicado”.

Gil: “Faz reuniões com frequência e também organiza exposições com trabalhos e dramatizações dos alunos”.

Jô: “Reuniões de pais e mestres, movimentos diversos das datas comemorativas para que as famílias participem”.

Riba: “Buscamos sempre promover eventos e confraternizações nas datas comemorativas para incentivar mais as famílias a se fazerem presentes”.

Pelo depoimento dos professores, fica claro que as ações da escola para a aproximação dos pais, limitam-se nas reuniões de pais e mestres e nas

festividades em datas comemorativas. Não existem ações voltadas para uma boa comunicação e a afetividade entre os autores deste processo comprometendo, desta forma, uma boa relação entre estas duas instituições e seus agentes.

A comunicação entre pais e filhos, entre escola e família e entre o aluno e própria escola, as vivências de atitude, de amor e respeito, os valores, as regras sociais são de suma importância para a formação da personalidade, do caráter, como também na aprendizagem, são condição para crescimento pessoal e profissional (SOUSA, 2012, p. 22).

A família tem que saber que, também é responsável pela formação educativa do filho e a escola tem que buscar conhecer mais a realidade das famílias de sua clientela e promover espaços para uma atuação conjunta.

Acerca das ações que a escola poderia promover para estreitar os laços com a família, os professores disseram o seguinte:

Questão 4: Que ações podem ser implementadas visando o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, pelo estreito vínculo entre família e escola?

Lili: “A escola tem que se inovar promovendo momentos para elogiar bons alunos e não apenas para fazer cobranças dos pais. Estas cobranças só servem para deixá-los mais distantes ainda”.

Flor: “É preciso trazer a família para a escola logo no início do ano letivo e mostrar a real situação do aluno. E não deixar para chamar somente no final do semestre ou do ano letivo quando já não se tem muito que fazer para ajudar o aluno”.

Gil: “Reuniões mais dinâmicas e, antes de tudo procurar saber a real situação da família para não fazer pré-julgamentos”.

Jô: “Promover ações que desperte nos pais interesse e dedicação pela vida escolar dos filhos. Cobrar apenas não adianta muita coisa. É preciso fazer os pais compreenderem porque estão sendo cobrados e o quanto é importante a participação deles para a formação dos filhos”.

Riba: “Não apenas cobrar, mas, fazê-los compreender os motivos da cobrança”.

Fica subentendido na fala dos entrevistados, que a escola não está promovendo boas ações para aproximar de forma positiva os pais à escola. É

necessário que esta procure dialogar e criar vínculos entre os alunos, destes com suas famílias e destas com a escola de seus filhos.

Na educação, a escola sempre teve um papel fundamental, e hoje, além da função de ensinar para a cidadania e para o trabalho, tem também que passar os valores fundamentais para a vida do indivíduo, sendo que esse papel também deveria ser de comprometimento familiar.

5.2 O olhar dos pais

O questionário aplicado aos pais, também era composto por 4 perguntas todas subjetivas. A seguir, as questões que foram colocadas:

1. Você participa ou já participou de algum trabalho voluntário na escola de seu filho?
2. Você conhece a Escola de seu filho?
3. Você atende as convocações para ir à escola de seu filho?
4. Qual a sua opinião sobre as reuniões marcadas pela escola?

Os pais também receberam nomes fictícios para que sua identidade fosse preservada. Sendo assim, serão chamados de Rick; Juju; Marri e Pérola.

Questão 1: Você participa ou já participou de algum trabalho voluntário na escola de seu filho?

Rick: “Sim. Toda vez que chamam na escola dos meus filhos eu ou minha esposa vamos lá para ouvir”.

Juju: “Sim. Eu participo de todas as reuniões. Graças a Deus estou por dentro de tudo”.

Marri: “Sim”.

Pérola: “Sim”.

De acordo com as respostas dos pais, podemos identificar uma falha de comunicação entre família e escola, pois quando questionados se participam ou já participaram de trabalhos voluntários na escola dos filhos, os pais confundem esta prática com as reuniões. Provavelmente as reuniões de pais e mestres.

É de suma importância a presença dos pais ao menos uma vez por semana na escola dos filhos, para saber como eles estão indo nos estudos,

conversando com os professores e verificando como eles interagem com os colegas. Não basta apenas olhar cadernos e perguntar como estão, é preciso participar, se fazer presente neste acompanhamento e buscar participar dos eventos pedagógicos. Através dessas ações, efetiva-se a parceria que a escola precisa para ensinar com qualidade (TIBA, 1996, p. 181).

Participar da vida escolar dos filhos requer uma série de atitudes e responsabilidades. Como exemplo, podemos citar o efetivo envolvimento nos projetos pedagógicos e a ida frequente na escola para um acompanhamento mais eficaz. Desta forma os filhos se sentirão mais responsáveis, dedicados e seguros sabendo que terão que dá explicações do seu aprendizado a alguém.

Questão 2: Você conhece a Escola de seu filho?

Rick: “Sim. Mas, na verdade quem vai mais lá é minha esposa”.

Juju: “Sim”.

Marri: “Conheço. Vou sempre falar com os professores e saber como está minha filha”.

Pérola: “Sim”.

Podemos notar uma grande contradição entre o depoimento dos pais e aquilo que falaram os professores a respeito da participação da família na escola. Os professores dizem que a família não participa e os poucos que vão é sempre de forma muito tímida. E aqui os pais dizem participar de todas as reuniões e estarem por dentro de tudo que se passa na escola.

É interessante lembrar que o objetivo da escola é “oportunizar e abrir espaços para que valores sejam adquiridos e trabalhar o respeito e as diferenças expressas pela família, proporcionando e garantindo a integridade básica do aluno e da família” (SOUSA, 2012, p. 41). Não é função da escola, julgar ou condenar os pais pela não participação na vida escolar dos filhos, mas, orientá-los do quanto é importante esta prática.

Questão 3: Você atende as convocações para ir à escola de seu filho?

Rick: “Só vou mesmo quando minha esposa não pode ir”.

Juju: “Sim. Participo de todas as reuniões e festas da escola”.

Marri: “Quando eles marcam numa hora que dá pra eu ir eu vou”.

Pérola: “Faço tudo para não perder nada na escola da minha filha porque sei que isso é importante pra ela”.

Mais uma vez os pais dizem participar da vida escolar dos filhos. Mas, aqui vamos atentar para o que disse Rick. Este pai, apesar de dizer que atende as convocações da escola, diz atendê-las somente quando a esposa não pode ir. Por muito tempo os cuidados e a educação dos filhos era responsabilidade da mãe, o pai trabalhava fora para o sustento da família. Com as mudanças do mundo contemporâneo, esta visão, também se modificou.

O fato de, atualmente, a maior parte das mães trabalharem fora do ambiente doméstico, tem levado os homens, progressivamente, a compartilhar de um maior compromisso e responsabilidade na criação e na educação dos filhos (BORSA, 2009, p. 98).

Nos dias atuais, não apenas o pai trabalha fora, mas, a mãe também. Diante disso, assim como as despesas financeiras tendem a ser divididas entre o homem e a mulher é necessário que as responsabilidades e o acompanhamento da vida escolar do filho, também seja.

Questão 4: Qual a sua opinião sobre as reuniões marcadas pela escola?

Rick: “Pra falar a verdade eu não me sinto bem porque demora muito às vezes e a gente tem muita coisa pra fazer”.

Juju: “É sempre bom saber como anda os nossos filhos na escola”.

Marri: “São boas. A questão é que quase sempre é a mesma coisa. Só pra falar que os meninos não vão bem”.

Pérola: “São boas”.

Apesar da maioria dos pais falarem que as reuniões são boas, podemos identificar certo descontentamento por parte de alguns. Segundo Marri as reuniões são boas, porém, na maioria as vezes a pauta é a mesma, ou seja, o mau rendimento dos alunos. Isso soa constrangedor e não é difícil muitos professores fazerem uso destas reuniões para colocar a família contra o aluno fazendo papel inverso. Agindo dessa forma, estes professores não terão melhorias no rendimento dos alunos, pois, no máximo eles receberão um castigo dos pais.

A reunião deve se focalizar na troca de informações para que a partir desse ponto possa elaborar de forma conjunta uma solução, e que não se resuma somente em períodos de fechamento de bimestres, mas, no decorrer de todo ano letivo (SOUSA, 2012, p. 87).

As reuniões tem que ser feitas para discutir estratégias que possam contribuir para o melhoramento do ensino aprendizagem dos alunos e, não apenas

para falar do sucesso de uns em detrimento de outros. É interessante, também, que estas reuniões sejam feitas com mais frequência e não apenas no fechamento de bimestres ou ciclos quando muito já se tem perdido.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que é muito importante que aconteça a relação família e escola no processo educativo da criança. Quando caminham juntas, servem de sustentação para o bom desenvolvimento destes indivíduos e são pilares imprescindíveis para o seu desempenho escolar. Por isso, é necessário que a escola abra suas portas para conhecer as famílias de seus alunos, garantindo a presença e permanência dos pais em todo processo educativo de seus filhos. Esta, não é uma tarefa fácil, mas é possível alcançar melhores relações entre estas duas instituições através de práticas pedagógicas diferenciadas. Como exemplo, sugerimos que a escola convide a família não apenas para mostrar os resultados negativos dos alunos no final de cada ciclo, mas, logo no início, assim que o problema for identificado para que juntas busquem soluções para estes casos.

As atividades realizadas durante a fase de intervenção deste trabalho tais como convocações individuais de alguns pais para tratarem de situações específicas de seus filhos, comprovam isso, pois possibilitaram uma melhoria no relacionamento entre escola e família, uma vez que o aluno e nem sua família foram expostos em reuniões gerais. São atitudes simples, que quando incorporadas no cotidiano da instituição escolar proporcionam a troca de informações de modo a beneficiar todo o processo pedagógico. Cotidianamente ainda existem muitos obstáculos que dificultam a aproximação e interação entre as duas, como exemplo, o horário de trabalho dos pais.

Conforme observado nos resultados da pesquisa de campo, a ausência dos pais se dá principalmente por falta de tempo, em função dos compromissos de trabalho, entretanto, mesmo os pais ausentes, concordam que a interação entre a família e a escola só tem a contribuir no processo educacional de seus filhos.

É notório que somente por meio do trabalho escolar comprometido com a realidade dos alunos e da conscientização dos pais de sua importância para a educação escolar dos filhos que se pode desenvolver uma proposta de trabalho

conjunto entre escola e família visando beneficiar a qualidade de ensino, tanto na escola, quanto em casa.

Os educadores devem reconhecer os problemas e evitar fazer julgamento das famílias, realizando atividades que visem aproximá-las mais da escola. É necessário, também, que a escola tome consciência e se responsabilize pela imagem que passa da comunidade escolar, buscando cada vez mais ações para a solidificação da parceria tão necessária com a família superando qualquer dificuldade que possa aparecer.

É preciso buscar o envolvimento da família na aprendizagem dos seus filhos, valorizar e orientar os pais no sentido de incentivar as boas relações com a escola e com todos que fazem parte desse contexto, incentivando-os a comparecerem nas reuniões pedagógicas não só para cobrar notas e sim para avaliar como o filho está se saindo no ano letivo e se tiver alguma dificuldade orientá-los como fazer para ajudá-lo.

A participação de todos nesse processo de ensino aprendizagem implica ouvir e expor opiniões próprias, sobretudo, trata-se da possibilidade de uma ação coletiva construída por todas as partes envolvidas, e compartilhar equitativamente de cada etapa do processo educacional, resguardadas as particularidades dos sujeitos envolvidos. Ao invés da família ser chamada ou convocada na escola apenas quando as coisas não vão bem, quando as notas estão baixas, ou quando se precisa de uma ajuda pontual ela deve ser vista de forma participativa, uma coautora do processo educativo escolar e, conseqüentemente, se envolver mais diretamente na concretização de tal processo.

Espera-se que este trabalho contribua para reforçar o compromisso das famílias e da escola com a formação das crianças. Mas, fica o espaço para demais contribuições, pois sabemos que muito ainda tem que ser feito uma vez que esta temática é muito abrangente e requer diversas abordagens.

REFERENCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho?** São Paulo: Cortez, 2005.

BORSA, J. **Aspectos psicossociais da parentalidade:** o papel de homens e mulheres na família nuclear. Psicologia Argumento, São Paulo, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96.** Brasília. MEC. 1996.

_____. **Constituição Federal de 1988.** Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 19 de maio de 2017.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Emenda constitucional, Nº59. Brasília 2009. Disponível em: <<http://planauto.gov.br/ccivil/03/constituicao/emenda/emc/emc59.htm>>. Acesso em: 13/ de mai. 2017.

CHALITA, Gabriel. **Educação:** A solução está no afeto. São Paulo: Gente, 2001.

COUTINHO, Vanessa. **Arte terapia com idosos:** Ensaios e Relatos. Rio de Janeiro: Wak, 2004.

CURY, Augusto Jorge. **Pais Brilhantes, professores fascinantes.** 9. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

DANTAS, Heloysa. Afetividade e construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In. **DE LA TAILLE, Piaget, Vygotsky e Wallon:** teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Sammus, 1992.

ESTEVE. José M. **A Terceira Revolução Educacional:** a educação na sociedade do conhecimento. São Paulo: Editora Moderna, 2004.

FEIJÓ, Caio. **Preparando os alunos para a vida.** São Paulo: Novo século: 2008.

FERNANDEZ, A. **A inteligência aprisionada.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários a prática educativa**. 11. ed. Rio de Janeiro; Paz e terra, 1997.

GONÇALVES, E. M. **Iniciação à pesquisa científica**. 2. ed. Campinas: Alínea.2001.

GOKHALE, S.D. **A família desaparecerá?** In Revista debates sociais nº 30, ano XVI. Rio de Janeiro, CBSSIS, 1980.

NOLTE, Dorothy Law; HARRIS, Rachel. **As criança aprendem o que vivenciam**. 5. ed. Rio de Janeiro: Sextante: 2003.

NUNES, Ana Ignez Belém Lima; SILVEIRA, Rosemary do Nascimento. **Psicologia da Aprendizagem: processos teóricos e contextos**. Brasília: Liber Livro, 2009.

OLIVEIRA, Marta Kohl; REGO, Teresa Cristina. Vygotsky e as complexas relações entre cognição e afeto. In: ARANTES, Valéria Amorim. (org) **Afetividade na escola: Alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2003.

PÁDUA, E. M. M. **Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática**. 2. ed. São Paulo: Papyrus 1997.

PARO, Vitor Henrique. **Qualidade de ensino, a contribuição dos pais**. Xamã, 1992.

PAROLIN, Isabel Cristina Hierro. **Pais e Educadores: quem tem tempo de educar?** Porto Alegre: Mediação, 2007.

PEREZ, M. C. A. **Infância, família e escola: práticas educativas e seus efeitos no desempenho escolar de crianças das camadas populares**. São Carlos, SP: Suprema, 2007.

PIAGET, Jean. **A construção do real na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

SYMANSKI, Heloisa. **A relação família/escola: desafios e perspectivas**. Brasília: Plano, 2001.

SOUSA, Jaqueline Pereira de. **A importância da família no processo de desenvolvimento da aprendizagem da criança.** Fortaleza, CE: 2012.

TIBA, Içami. **Disciplina: limite na medida certa.** 41. ed. São Paulo: Gente, 1996.

VASCONCELLOS, Celso. **Construção do Conhecimento.** São Paulo: Liberdade, 1989.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.